



LIVRO ABERTO – Encontros Literários
Leituras e Rodas de Conversa
Terceira temporada – de 8 a 22/10/2021

A CIGARRA E AS FORMIGAS

DE: Monteiro Lobato

I – A FORMIGA BOA

Houve uma jovem cigarra que tinha o costume de chiar ao pé de um formigueiro. Só parava quando cansadinha; e seu divertimento então era observar as formigas na eterna faina de abastecer as tulhas.

Mas o bom tempo afinal passou e vieram as chuvas. Os animais todos, arrepiados, passavam o dia cochilando nas tocas.

A pobre cigarra, sem abrigo em seu galhinho seco e metida em grandes apuros, deliberou socorrer-se de alguém.

Manquitolando, com uma asa a arrastar, lá se dirigiu para o formigueiro. Bateu — tic, tic, tic...

Aparece uma formiga friorenta, embrulhada num xalinho de paina.

— Que quer? — perguntou, examinando a triste mendiga suja de lama a tossir.

— Venho em busca de agasalho. O mau tempo não cessa e eu...

A formiga olhou-a de alto a baixo.



— O que fez durante o bom tempo, que não construiu sua casa?

A pobre cigarra, toda tremendo, respondeu depois de um acesso de tosse.

— Eu cantava, bem sabe...

— Ah!... — exclamou a formiga recordando-se. — Era você então quem cantava nessa árvore enquanto nós labutávamos para encher as tulhas?

— Isso mesmo, era eu...

— Pois entre, amiguinha! Nunca poderemos esquecer as boas horas que sua cantoria nos proporcionou. Aquele chiado nos distraía e aliviava o trabalho. Dizíamos sempre: que felicidade ter como vizinha tão gentil cantora! Entre, amiga, que aqui terá cama e mesa durante todo o mau tempo.

A cigarra entrou, sarou da tosse e voltou a ser a alegre cantora dos dias de sol.

II – A FORMIGA MÁ

Já houve, entretanto, uma formiga má que não soube compreender a cigarra e com dureza a repeliu de sua porta.

Foi isso na Europa, em pleno inverno, quando a neve recobria o mundo em seu cruel manto de gelo.



A cigarra, como de costume, havia cantado sem parar o estio inteiro, e o inverno veio encontrá-la desprovida de tudo, sem casa onde se abrigar, nem folhinhas que comesse.

Desesperada, bateu à porta da formiga e implorou — emprestado, notem! — uns miseráveis restos de comida. Pagaria com juros altos aquela comida de empréstimo, logo que o tempo o permitisse.

Mas a formiga era uma usurária sem entranhas. Além disso, invejosa. Como não soubesse cantar, tinha ódio à cigarra por vê-la querida de todos os seres.

— Que fazia você durante o bom tempo?

— Eu... eu cantava!

— Cantava? Pois dance agora, vagabunda! — e fechou-lhe a porta no nariz.

Resultado: a cigarra ali morreu entanguidinha; e quando voltou a primavera o mundo apresentava um aspecto mais triste. É que faltava na música do mundo o som estridente daquela cigarra morta por causa da avareza da formiga. Mas se a usurária morresse, quem daria pela falta dela?

Os artistas — poetas, pintores, músicos — são as cigarras da humanidade.

— Esta fábula está errada! — gritou Narizinho. — Vovó nos leu aquele livro de Maeterlinck sobre a vida das formigas — e lá a gente vê



que as formigas são os únicos insetos caridosos que existem. Formiga má como essa nunca houve.

Dona Benta explicou que as fábulas não eram lições de História Natural, mas de Moral.

— E tanto é assim — disse ela — que nas fábulas os animais falam e na verdade eles não falam.

— Isso não! — protestou Emília. — Não há animalzinho, bicho formiga ou pulga que não fale. Nós é que não entendemos as linguinhas deles.

Dona Benta aceitou a objeção e disse:

— Sim, mas nas fábulas os animais falam a nossa língua e na realidade só falam as linguinhas deles. Está satisfeita?

— Agora, sim! Disse Emília muito ganjenta com o triunfo. — Conte outra.



O CÃO E O LOBO

DE: Monteiro Lobato

Um lobo muito magro e faminto, todo pele e ossos, pôs-se um dia a filosofar sobre as tristezas da vida. E nisso estava quando lhe surge pela frente um cão — mas um cão e tanto, gordo, forte, de pelo fino e lustroso.

Espicaçado pela fome, o lobo teve ímpeto de atirar-se a ele. A prudência, entretanto, cochichou-lhe ao ouvido: “Cuidado! Quem se mete a lutar com um cão desses sai perdendo”.

O lobo aproximou-se do cão com toda a cautela e disse:

— Bravos! Palavra de honra que nunca vi um cão mais gordo nem mais forte. Que pernas rijas, que pelo macio! Vê-se que o amigo se trata...

— É verdade! — Respondeu o cão. — Confesso que tenho tratamento de fidalgo. Mas, amigo lobo, suponho que você possa levar a mesma vida boa que levo...

— Como?

— Basta que abandone esse viver errante, esses hábitos selvagens e se civilize, como eu.

— Explique-me lá isso por miúdo — pediu o lobo, com um brilho de esperança nos olhos.

É fácil. Eu apresento você ao meu senhor. Ele, está claro, simpatiza-se e dá a você o mesmo tratamento que dá a mim: bons ossos de galinha,



restos de carne, um canil com palha macia. Além disso, agrados, mimos a toda a hora, palmadas amigas, um nome.

— Aceito! — Respondeu o lobo. — Quem não deixará uma vida miserável como esta por uma de regalos assim?

— Em troca disso — continuou o cão — você guardará o terreiro, não deixando entrar ladrões nem vagabundos. Agradará ao senhor e à sua família, sacudindo a cauda e lambendo a mão de todos.

— Fechado! — resolveu o lobo e emparelhando-se com o cachorro partiu a caminho de casa. Logo, porém, notou que o cachorro estava de coleira.

— Que diabo é isso que você tem no pescoço?

— É a coleira.

— E pra que serve?

— Para me prenderem à corrente.

— Então não é livre, não vai pra onde quer, como eu?

— Nem sempre. Passo às vezes vários dias preso, conforme a veneta do meu senhor. Mas que tem isso, se a comida é boa e vem à hora certa?

O lobo entreparou, refletiu e disse:

— Sabe do que mais? Até logo! Prefiro viver magro e faminto, porém livre e dono do meu focinho, a viver gordo e liso como você, mas de coleira



ao pescoço. Fique-se lá com a sua gordura de escravo que eu me contento com a minha magreza de lobo livre.

E afundou no mato.

— Fez muito bem! — berrou Emília. — Isso de coleira, o diabo queira...

— Narizinho bateu palmas.

— E não é que ela fez um versinho, vovó? “Isso de Coleira o diabo queira...” Bonito, hein?

— Bonito e certo — continuou Emília. — Eu sou como esse lobo. Ninguém me segura. Ninguém me bota coleira. Ninguém me governa. Ninguém me...

— Chega de “mês”, Emília. Vovó está com cara de querer falar sobre a liberdade.

— Talvez não seja preciso, minha filha. Vocês sabem tão bem o que é liberdade que nunca me lembro de falar disso.

— Nada mais certo, vovó! — gritou Pedrinho. — Este seu sítio é o suco da liberdade, e se eu fosse refazer a natureza, igualava o mundo a isto aqui. Vida boa, vida certa, só no Picapau Amarelo.

— Pois o segredo, meu filho, é um só: liberdade. Aqui não há coleiras. A grande desgraça do mundo é a coleira. E como há coleiras espalhadas pelo mundo!



LIGA DAS NACÕES

De: Monteiro Lobato

Gato-do-mato, jaguatirica e irara receberam convite da onça para constituírem a Liga das Nações.

— Aliemo-nos e cacemos juntos, repartindo a presa irmãmente, de acordo com os nossos direitos.

— Muito bem! — exclamaram os convidados — Isso resolve todos os problemas da nossa vida.

E sem demora puseram-se a fazer experiências do novo sistema. Corre que corre, cerca daqui, cerca dali, caiu-lhes nas unhas um pobre veado. Diz a onça:

— Já que somos quatro, toca a reparti-lo em quatro pedaços:

— Ótimo!

Repartiu a presa em quatro partes e, tomando uma, disse:

— Cabe a mim este pedaço, como rainha que sou das florestas.

Os outros concordaram e a onça retirou sua parte.

— Este segundo também me cabe porque me chamo onça.

Os sócios entreolharam-se

— E este terceiro ainda me pertence de direito, visto como sou mais forte do que todos vós.



A irara interveio.

— Muito bem. Fica com três pedaços, concordamos (que remédio!); mas o quarto tem que ser dividido entre nós.

— Às ordens! — exclamou a onça. — Aqui está o quarto pedaço às ordens de quem tiver coragem de agarrá-lo.

E arreganhando os dentes assentou as patas em cima.

Os três companheiros só tinham uma coisa a fazer: meter a cauda entre as pernas. Assim fizeram e sumiram-se, jurando nunca mais entrar em Liga das Nações com onça dentro.

— Chega de fábulas, vovó! — disse Pedrinho. — Já estamos empanturrados. A senhora precisa nos dar tempo de digerir tanta sabedoria popular. Estou com a cabeça cheia de “moralidades”.

Dona Benta concordou. Tudo tem conta, e a maior sabedoria da vida é usar e não abusar. Mas querendo saber se tinham aproveitado a lição disse:

— Muito bem. Vamos agora ver se perdi meu tempo. Que é que você conclui de tudo isto, Pedrinho?

— Concluo, vovó, que as fábulas, mesmo quando não valem grande coisa, têm sempre um mérito: são cortinhas...

— Muito bem. E você, minha filha?



— Para mim, vovó, as fábulas são sabidíssimas. No momento a gente só presta atenção na fala dos animais, mas a moralidade nos fica na memória e de vez em quando, sem querer, a gente aplica “el cuento”, como a senhora diz.

— Muito bem. E você, Emília?

— Eu acho que as fábulas são indiretas para um milhão de pessoas. Quando ouço uma, vou logo dando nome aos bois: este mono é o Tio Barnabé; aquele asno carregado de ouro é o Coronel Teodorico; a gralha enfeitada de penas de pavão é a filha da Nhá Vera. Para mim, fábula é o mesmo que indireta.

Dona Benta voltou-se para o Visconde.

— E que pensa das fábulas, Visconde?

O sabuguinho assoprou e disse:

— Na minha opinião, as fábulas mostram só duas coisas: 1ª) que o mundo é dos fortes; e 2ª) que o único meio de derrotar a força é a astúcia. Essa Liga das Nações, por exemplo. Os animais formaram uma liga, mas que adiantou? Nada. Por quê? Porque lá dentro estava a onça, representando a força, e contra a força de nada valeram os direitos dos animais menores. Bem que a irara fez ver o direitos desses animais menores. Mas nada conseguiu. A onça respondeu com a razão da força. A irara errou. Em vez de alegar direito, devia ter recorrido a uma esperteza qualquer. Só a astúcia vence a força. Emília disse uma coisa muito sábia em suas *Memórias*...



PODER JUDICIÁRIO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DA MAGISTRATURA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
Biblioteca TJERJ / EMERJ - Desembargador José Carlos Barbosa Moreira
Comissão Biblioteca e Cultura (COBIC)
Assessoria de Fomento à Cultura (ASFOC)

— Que foi que eu disse? — perguntou Emília, toda assanhadinha e importante.

— Disse que se tivesse um filho só lhe dava um conselho: “Seja esperto, meu filho!”. Se não fosse a esperteza, o mundo seria duma brutalidade sem conta...

— Seria a fábula do lobo e do cordeiro girando ao redor do sol que nem planeta, com todas as outras fábulas girando ao redor dela que nem satélites — concluiu Emília dando um pinote.

Dona Benta calou-se pensativa.

LOBATO, Monteiro, 1882-1948

Fábulas / Monteiro Lobato – São Paulo: Universo dos Livros, 2019